

O PROFUNDO E O IMAGINÁRIO – A REPERCUSSÃO DO EXÉRCITO ZAPATISTA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL NA IMPRENSA BRASILEIRA. Fábio da Silva Sousa, Carlos Alberto Sampaio Barbosa. – Ciências Humanas – História – Departamento de História - Faculdade de Ciências e Letras – Campus Assis.

Atualmente a crescente utilização de periódicos como fontes de pesquisa, revelou-se uma área rica de investigação para o historiador. Isso se deve porque a imprensa está nitidamente ligada aos acontecimentos de sua época.

O Jornal nos transporta ao momento em que o acontecimento está sendo registrado e através de sua repercussão conseguimos descobrir as diversas características sociais e culturais da época investigada. Analisando os artigos e as matérias publicadas, nós, os historiadores, temos a oportunidade de trabalhar as diversas possibilidades de interpretação que um periódico oferece a um fato, pela maneira de como e o porque dele estar sendo registrado de determinada forma em suas páginas.

Trabalhar a América Latina através da imprensa brasileira revela-se um desafio inquietante. Ao utilizarmos os periódicos como objeto de pesquisa, descobrimos a maneira que a nossa imprensa “*enxerga*” e “*interpreta*” os nossos vizinhos latino-americanos e como formador de opinião pública, repassa essa visão aos seus leitores e conseqüentemente a sociedade.

As várias contradições do México levaram o antropólogo Guillermo Bonfil Batalla, definir em 1987, no livro *México Profundo: uma civilización negada*, duas formas de representação da sociedade mexicana.

A primeira foi definida como *México Profundo*, que seria caracterizado pelos povos indígenas que desde a época colonial vem lutando para preservar a sua cultura e serem aceitos pela sociedade mexicana. A segunda como *México Imaginário*, que representaria o México que renega a sua herança mestiça, ao incorporar valores e ideais norte-americanos e europeus.

O governo mexicano de Carlos Salinas de Gortari (1988 – 1994) representa o *México Imaginário*. Eleito duvidosamente em 1988, o então presidente Salinas instituiu um programa de medidas de caráter neoliberal que visava colocar o México na economia globalizada e no grupo de países do primeiro mundo. O ponto máximo de sua política foi à entrada, em 1994, do México ao North America Free Trade Agreement, NAFTA, que estabeleceu uma zona de livre comércio entre o país mexicano, os Estados Unidos e o Canadá. O ponto mais polêmico dessa entrada do México ao NAFTA, foi à alteração do artigo 27 da Constituição, em 1993, que dava garantia aos camponeses dos *ejidos* e que era considerada como uma conquista da população camponesa na Revolução Mexicana.

Na virada do ano de 1993 para 94, enquanto a elite mexicana comemorava o ingresso do México ao Nafta, temos no então desconhecido e pobre estado de Chiapas, ao sul do estado mexicano e fronteira com a Guatemala, o surgimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional, o EZLN, reivindicando mudanças na política governamental e o reconhecimento dos povos indígenas pela sociedade. Surpreendendo não apenas o México, mas o mundo inteiro, numa época em que a repercussão do “*fim da história*” do filósofo Francis Fukuyama teorizava sobre o fim de toda resistência a política neoliberal, o EZLN mostrou uma face pobre, esquecida e marginalizada da sociedade mexicana que pedia por mudanças urgentes. Era o *México Profundo* que agora encontrava a sua representação.

Todavia, como se deu esse embate entre esses dois personagens políticos e sociais do México?

Analisando a repercussão do choque entre o governo mexicano, do período de Carlos Salinas de Gortari (1988 – 1994), Ernesto Zedillo Ponce de Leon (1994 – 2.000) e Vicente Fox Quesada (2000-) e do movimento neo-zapatista, esse projeto visa estudar como o EZLN e o México Contemporâneo de três governos foram registrados em nossos principais periódicos.

Como o EZLN é um objeto vivo da história do tempo presente, o historiador que resolver pesquisá-lo tem que tomar alguns cuidados. Segundo Eric Hobsbawm, o historiador contemporâneo é obrigado a enfrentar dois problemas: O Clima Histórico que pode influenciar na interpretação do seu objeto de estudo e o excesso incontrolável de fontes primárias, que são duas características presentes em pesquisas sobre os rebeldes zapatistas. Podemos caracterizar que o Clima Histórico influenciou em análises tendenciosas sobre os guerrilheiros zapatistas, uma vez que após o levante de 1994, eles receberam diversos apoios e incentivos pelo mundo e há uma enorme quantidade de artigos espalhados

em revistas e pela internet sobre o zapatismo. Para ilustrar melhor essa afirmação, em sua dissertação de mestrado, Guilherme Gitahy de Figueiredo realizou uma busca pelo site Altavista na net, em 08 de julho de 2002 e chegou na conclusão de que 388 páginas sobre o zapatismo no Brasil e 40.929 pelo mundo.

Reneé Barata Zicman, no artigo *História através da imprensa – algumas considerações metodológicas*, apresenta as formas como o historiador deve lidar ao trabalhar com os periódicos em suas pesquisas. Segundo Zicman podemos trabalhar com a “História da Imprensa” ou com a “História através da Imprensa”, que é utilizado para as pesquisas que tomam a imprensa como fonte primária de investigação histórica. Em nossa pesquisa, trabalharemos com a “História através da Imprensa”, onde realizaremos um estudo da história do EZLN pelas páginas dos periódicos consultados e, Zicman, através das palavras de Pierre Albert, também mostra que o pesquisador pode trabalhar com o “atrás”, o “dentro” e a “frente” do jornal e, que esses três campos de pesquisas estão ligados com duas formas de interpretação dos jornais.

Além de trabalharmos com a metodologia proposta por Zicman, da “História através da Imprensa” e dos três campos de trabalhos (“atrás”, “dentro” e “frente”), também realizaremos uma análise sociológica e histórica das fontes, como Sebrían trabalhou em sua dissertação com resultados interessantes. A investigação sociológica e histórica dos periódicos revelasse um recurso importante, uma vez que a posição ideológica dos jornais e revistas influencia a maneira como os fatos são interpretados em suas páginas.

Não ficando apenas nas matérias escritas, em nossa investigação de pesquisa realizaremos uma análise das fotos publicadas pelos periódicos e de sua contribuição para a construção da imagem do EZLN em nosso país. Somado com as palavras, os insurgentes neo-zapatistas também utilizam o visual como uma forma de arma, sempre procurando colocar-se como herdeiros dos antigos guerreiros maias e da facção mais popular da Revolução Mexicana, idealizado por Emiliano Zapata.

A utilização da mídia por parte do EZLN, os coloca num campo diferenciado dos outros movimentos guerrilheiros e de contestação social existentes até hoje, como as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia – Exército do Povo, as FARC`S – EP. Essa utilização da mídia como arma por parte dos rebeldes zapatistas, resultou num estudo do sociólogo espanhol Manuel Castells que os definiu como sendo a primeira “*Guerrilha Informacional*” do mundo, pois, ao utilizarem o discurso como estratégia, eles criaram um evento midiático sem o controle do Estado, que permitiu a proteção em nível internacional, contra uma guerra sangrenta em choque com o exército mexicano.

Não podemos deixar de notar que um dos grandes responsáveis pelo sucesso dessa estratégia de guerrilha, cabe ao Subcomandante Marcos, inicial e erroneamente retratado pela mídia como sendo o líder dos zapatistas, o porta-voz midiático do EZLN revelou-se um mestre em utilizar-se dos meios de comunicação para passar a sua mensagem.

Contudo, apesar de todo o sucesso que essa estratégia ofereceu a guerrilha zapatista, objetivamos realizar um estudo sobre os limites que a utilização da mídia como um recurso de resistência oferece e do potencial que uma *Guerrilha Informacional* pode alcançar.

Outro objetivo conseqüente do nosso projeto é uma pesquisa mais contemporânea dos periódicos nacionais. Realizando um breve balanço, concluímos que as pesquisas sobre os periódicos brasileiros focam-se principalmente da sua origem, no século XIX até as diversas mudanças na imprensa ocorrida no período do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945) e depois, do período da ditadura militar, de 1964 em diante. Neste último caso, as publicações rotuladas de “*esquerda*”, “*alternativa*” e “*revolucionárias*” receberam uma atenção especial dos pesquisadores.

O nosso recorte cronológico foi focado em dois períodos principais, selecionados pela importância dos acontecimentos, suas repercussões e pelo espaço que eles receberam pela imprensa.

Primeiro período: De janeiro de 1.994 a fevereiro de 1.996. Esse recorte periódico abrange o levante do EZLN, o final do governo de Carlos Salinas de Gortari, do início da presidência de Ernesto Zedillo, da ofensiva para-militar contra os guerrilheiros e da crise econômica que ficou conhecida como *Efeito Tequila* até a assinatura dos *Acuerdos sobre Derechos y Cultura Indígena*, quando os rebeldes entraram em diálogo com o governo federal.

O diálogo com o governo mexicano foi interrompido pelos zapatistas em 29 de agosto de 1.996 e os insurgentes retornaram para a Selva Lacandona, em Chiapas, onde permaneceram um longo tempo em silêncio. Não colocaremos esse período do diálogo do EZLN com o governo em nosso projeto, porque acreditamos que ele ficou restrito a cobertura da imprensa mexicana e praticamente não recebeu destaque em nosso periódicos.

Segundo período: Janeiro a março de 2001. Essa época envolve a derrota eleitoral do PRI, depois de uma hegemonia de décadas no poder, caracterizado pelo escritor peruano Mario Vargas Llosa como sendo uma *Ditadura Perfeita*, a posse do presidente Vicente Fox Quesada e a Marcha Zapatista, ou *Zapatour*, quando o EZLN saiu da Selva Lacandona em direção a Cidade do México.

Para a escolha dos jornais e revistas, optamos realizar uma seleção através da importância desses periódicos em nossa sociedade. Os jornais escolhidos foram O Estado de S. Paulo e a Folha de São Paulo e as revistas foram a VEJA e a Caros Amigos.

Criado em 04 de janeiro de 1875 com o nome de A província de São Paulo, O Estado de S. Paulo (que mudou para esse nome após a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889), sempre esteve atuante nos debates políticos importantes de nossa sociedade, chegando a defender a abolição da escravidão e o advento da República, como exemplo. Segundo Maria Helena Rolim Capelato e Maria Lígia Prado, o Estado de S. Paulo se colocava como o representante da democracia e do liberalismo em nossa sociedade, mas sempre defendeu o interesse da elite e da classe dominante desde a sua origem. Atualmente, é considerado um dos periódicos mais importantes e lidos da sociedade.

A Folha foi fundada em 1921 por jornalistas da equipe de redação do jornal O Estado de S. Paulo e tentava atrair um público que o periódico não conseguia. Assumindo um caráter mais informativo que de opinião política, a Folha foi o primeiro jornal brasileiro a firmar-se como um complexo industrial. A Folha de São Paulo surgiu como uma fusão da Folha da Manhã, da Tarde e da Noite e assumindo como meta o lucro, acabou tendo um grande crescimento econômico no período pós-golpe militar e sempre esboçou uma atitude ambígua à ditadura. Hoje, também é considerado um dos periódicos mais importantes e lidos do país e tem como rival o Estado de S. Paulo. Um dos destaques da Folha é o suplemento cultural Caderno MAIS!, publicado semanalmente aos domingos pelo jornal. Segundo Leny Werneck, os suplementos aumentam as vendas dos jornais nos dias em que saem juntos e no caso da Folha e do Caderno MAIS! isso é bastante evidente, uma vez que o jornal tem planos de assinatura apenas dos exemplares dominicais e de centros de documentação que arquivam apenas o seu suplemento cultural, como é o caso do Centro de Documentação e Apoio a Pesquisa, CEDAP, localizado na Universidade Estadual Paulista – UNESP, câmpus de Assis.

A revista VEJA, publicada desde setembro de 1968, sempre foi alvo de críticas de diversos intelectuais e personalidades, que julgavam o conteúdo de suas matérias como sendo fúteis e partidárias de uma visão de mundo neoliberal. Independentemente dessas críticas, a revista Veja tem uma tiragem mensal de 1,1 milhão de exemplares, sendo 800 mil só de assinantes, sendo praticamente a revista mais lida no Brasil, não se pode negar o enorme grau de influência que ela exerce sobre os seus leitores.

A revista Caros Amigos começou a ser publicada em abril de 1997 e com a proposta de oferecer matérias objetivas e independentes, foi escolhida por fornecer uma análise diferenciada dos acontecimentos investigados.

Depois de realizado uma etapa de catalogação e armazenamento das matérias, partiremos para a análise comparativa entre elas, onde estudaremos a repercussão do Exército Zapatista em dez anos de atividades, as diferenças que cada periódico e revista registrou dos fatos noticiados e, conseqüentemente, a interpretação que a imprensa brasileira realizou não apenas dos guerrilheiros zapatistas, mas também da América Latina Contemporânea.

Referências Bibliográficas

AGUILAR CAMÍN, Héctor & MEYER, Lorenzo. À Sombra da Revolução Mexicana: História mexicana contemporânea, 1910-1989. São Paulo: EDUSP, 2000.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. De Pasamontañas e Paliacates: a luta dos homens sem rosto. O processo de construção da contra-hegemonia do Exército Zapatista de Libertação Nacional. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica (PUC): São Paulo, 2000.

ARRELANO, Alejandro Buenrostro Y. Raízes do Fenômeno Chiapas: o Já Basta da Resistência Zapatista. São Paulo: Alfabarrio, 2002.

As Vozes do Espelho: contos, poemas e desenhos do zapatismo para construir o futuro. Trad. Amparo Ibáñez et al. São Paulo: Espelho Brasil, 2001.

BATALHA, Guilherme Bonfil. México Profundo: una civilización negada. México: CIESAS/SEP, 1987.

BRIGE, Marco F. & FELICE, Massimo Di. (orgs). Vótan-Zapata: A Marcha indígena e a Sublevação Temporária. Trad. Célia Barbosa. São Paulo: Xamã, 2002.

Bolsa: Bolsa de Apoio Acadêmico e Extensão I - PAE

BURKE, Peter. A Escrita da História: Novas Perspectivas. Trad. Magda Lopes, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. Como confiar em fotografias IN Caderno MAIS! nº469, 04 de fevereiro de 2001. p.13.

CASTELLS, Manuel O Poder da Identidade, vol. II; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CAPELATO, Maria Helena Rolim & Prado, Maria Lígia. O Bravo Matutino (imprensa e ideologia no jornal "O Estado de S. Paulo"). São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

_____. O Controle de Opinião e os Limites da Liberdade: Imprensa Paulista (1920-1945) IN Revista Brasileira de História, São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol 12, nº23/24, setembro 91/março 92.

_____. Imprensa e História do Brasil. 2º ed. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1994.

EZLN. Crônicas intergalácticas: Primer Encuentro Intercontinental por la Humanidad y contra el Neoliberalismo. Ediciones La Rosa Blanca: Chiapas, México: 1997.

FELICE, Massimo Di & MUÑOZ, Cristobal (orgs). A Revolução Invencível. Cartas e Comunicados. Subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional. São Paulo: Boitempo Editorial, 1.998.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. A Guerra é o Espetáculo: Origens e Transformações da estratégia do EZLN. Tese de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP): São Paulo, 2003.

_____. São Paulo: RiMa Editora/Fapesp, 2.006.

FRANCHI, Tássio. Igualdades e diferenças no discurso do Exército Zapatista de Libertação Nacional: construção e estratégia do discurso Zapatista (1994-1996). Tese de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Franca: São Paulo, 2004.

FUSER, Igor. México em Transe. 2º ed. São Paulo: Scritta, 1996.

FUKUYAMA, Francis, O Fim da História e o Último Homem. Trad. Aulyde Soares Rodrigues, Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

G.A. Matiaz. Fim: notas sobre os últimos dias do império americano. Conrad: São Paulo, 2001.

GENNARI, Emilio. Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história. Rio de Janeiro: Achiamé, 2003.

_____. EZLN: Passos de uma rebeldia. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991. trad. Marcos Santarrita, 2º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Sobre História. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOLLOWAY, John. Mudar o Mundo sem tomar o poder. Trad. Emir Sader. São Paulo: Viramundo, 2003.

MENDES, Clécio Ferreira. "Pra Solettrar a Liberdade": As propostas educacionais do movimento zapatista no México e dos Sem-Terra no Brasil na década de 90. Tese de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica (PUC): São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelindo de. & ARRELLANO, Alejandro Buenrostro Y (orgs). Chiapas: Construindo a Esperança, São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ORTIZ, Pedro Henrique Falco. Z@patistas on-line: uma análise sobre o EZLN e o conflito em Chiapas, sua presença na Internet e a cobertura da imprensa mexicana, argentina e brasileira. Tese de Mestrado, Universidade de São Paulo (USP): São Paulo, 1997.

PORTO, Sérgio Dayrell (org) O Jornal: da forma ao sentido, 2º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934. Tese de Mestrado, Universidade Estadual Paulista (UNESP), câmpus de Assis: São Paulo, 2005.

SILVA, Carla Luciana Imprensa como partido: uma leitura marxista de Gramsci a partir de VEJA. IN www.anpuh.uepg.brB/xxiiisimposio/anais/anais.htm. 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da Imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SUBCOMANDANTE MARCOS. A História das Cores. São Paulo: Conrad, 2.003.

_____. & TAIBO II, Ignácio. Mortos Incômodos. São Paulo: Planeta, 2.006.

ZICMAN, René Barata. História a través da imprensa – algumas considerações metodológicas IN Projeto História, nº 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1981, p. 89-102.